

APRESENTAÇÃO: O SUICÍDIO DO NEGRO BRASILEIRO

PRESENTATION: THE SUICIDE OF BRAZILIAN BLACK PEOPLE

José Benevides Queiroz*

Apresentação

O texto de Roger Bastide, *O suicídio do negro brasileiro*, veio a lume pela primeira vez nos *Cahiers Intenationaux de Sociologie*, em 1952. Além de pouco conhecido, pois publicado num periódico estrangeiro, apesar do autor encontrar-se em plena atividade acadêmica na Universidade de São Paulo, a sua reedição traduzida revela-se importante por pelo menos três aspectos.

Primeiro, o texto relaciona-se e foi escrito no momento em que se desenvolvia o Projeto da UNESCO, que patrocinou, entre 1951 e 1952, uma pesquisa sobre as relações raciais no Brasil, país escolhido por sua dita democracia racial e por ser um contraexemplo da recente experiência nazista. Sob a coordenação de Alfred Métraux, que

teve em Roger Bastide¹ um importante mediador, o estudo representou um marco de nossa ciência social. A investigação de várias realidades do país², a compreensão da sociedade no contexto de modernização e a inteligibilidade da complexa situação das relações raciais foram objetivos alcançados em razão de a pesquisa ter logrado levantar uma sólida base empírica e fazer uso de vários recursos metodológicos.

Segundo, ao mesmo tempo em que revela a condição do negro, em três momentos e relações sociais diferentes, o estudo de Roger Bastide é um dos poucos, no âmbito da sociologia brasileira, que tomou o suicídio por objeto. Contudo, não obstante o impulso inicial, até o presente tal objeto tem sido relegado ao segundo plano, mesmo o fenômeno recrudescendo entre nós nos últimos anos.

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA (São Luís/MA/BR). malevides@yahoo.com.br.

1. MAIO, Marco C. O Projeto UNESCO e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 14, n. 41, p. 145, 1999.

2. A pesquisa foi realizada em quatro capitais e suas respectivas periferias: Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. Esta última ficou sob a responsabilidade de Roger Bastide e Florestan Fernandes.

Por fim, o terceiro aspecto, que revela um Roger Bastide avesso à tradição sociológica fundada por Émile Durkheim. Ao mesmo tempo em que critica *O Suicídio*, não ressaltando a contribuição desse estudo, incluso para a própria constituição da sociologia, ele desconsidera também o livro de Maurice Halbwachs, *As Causas do Suicídio*, publicado em 1930, que, além de retificar vários dados e conclusões da obra de Durkheim, propõe desenvolver uma abordagem que este autor apontou³. Mas esse tratamento dispensado a *O Suicídio* pode ser ainda verificado em outros pontos do texto de Roger Bastide. Este autor imputa à escravidão, por exemplo, a causa do número de suicídio entre os negros ser bem mais elevado do que entre a população branca. No entanto, o conceito de “suicídio fatalista”, formulado em oposição ao conceito de

“suicídio anômico”, e destinado a dar conta de pessoas submetidas a disciplinas opressivas, como a escravidão, é completamente ignorado por Roger Bastide⁴. No mesmo diapasão, ele não vê problema algum em fazer uso de Gabriel Tarde para explicar o suicídio a partir da questionável e frágil *teoria da imitação*⁵.

Estes três aspectos de *O suicídio do negro brasileiro*, por si só, já seriam suficientes para despertar interesses na sua reedição e, conseqüentemente, na sua leitura. Mas, não só. O texto fornece também subsídios para compreendermos a introdução de Durkheim no Brasil – um mosaico importante no quadro da formação de nossa sociologia –, e elementos que possam impulsionar o estudo do suicídio, veio de pesquisa capaz de fornecer elementos esclarecedores sobre a sociedade atual.

3. Em *As Causas do Suicídio*, Maurice Halbwachs defende que o estudo sociológico sobre o suicídio não poderia prescindir da dimensão psicológica, pois que, em última instância, o ato de pôr fim à própria vida tem um componente individual. Contudo, esse procedimento, de certo modo, já se encontra indicado em *O Suicídio*, quando Durkheim defende: “como, única ou não, ela [a tendência ao suicídio] só é observável por meio dos suicídios individuais que a manifestam, é destes últimos que temos necessidade de partir”. DURKHEIM, E. *Le Suicide*, 11^e édition, PUF/Quadrige: Paris, 2002, p. 140.

4. Embora prescindível para a compreensão do suicídio na sociedade moderna, pois ocorreria em situações excepcionais, Durkheim defende o uso do conceito na seguinte situação: “não é a este tipo que se vinculam os suicídios dos escravos, que afirmam ser frequente em certas condições, e todos os suicídios que podem ser atribuídos às intemperanças do despotismo material ou moral? Para tornar claro este caráter inelutável e inflexível da regra sobre a qual nada se pode, e por oposição a esta expressão de anomia que empregamos, poderíamos designá-lo de *suicídio fatalista*”. *Ibidem*, p. 311.

5. Por meio de um comentário sintético, porém esclarecedor, Renato Ortiz assim define a teoria de Gabriel Tarde: “a teoria tardiana percebe as relações sociais como derivadas de um processo de imitação, cujo foco de irradiação seriam as inovações. Haveria, assim, um momento inicial, marcado pela invenção humana, a partir do qual uma série imitativa é inaugurada: por exemplo, a invenção da pólvora, do moinho de vento, do telégrafo. Nesta fase, o fenômeno imitativo generaliza-se para toda a sociedade. Tarde tem consciência de que uma ciência só pode existir quando construída sobre a regularidade dos fatos. Como existe uma ruptura entre o fato inicial (a invenção), que é contingente, e o processo de imitação que dele decorre, Tarde propõe limitar o alcance da sociologia ao estudo das regularidades imitativas. Não é difícil perceber a fragilidade desta argumentação”. ORTIZ, R. Durkheim: arquiteto e herói fundador. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 4, n. 11, p. 16, 1989.

O SUICÍDIO DO NEGRO BRASILEIRO¹

THE SUICIDE OF BRAZILIAN BLACK PEOPLE

Roger Bastide²

Se há um problema que perseguiu a sociologia francesa entre as duas grandes guerras, este foi o do suicídio. Porém, ele foi posto em termos infelizes, no interior de um desses pseudoproblemas, como estigmatiza Georges Gurvitch: aquele da oposição entre o indivíduo e a sociedade. Este dualismo rígido, colocando em oposição psicólogos ou psiquiatras contra sociólogos – Delmas, por exemplo, contra Durkheim, até mesmo, em parte, aquele que melhor se destacou, Halbwachs³ –, pode nos conduzir a falsas pistas. Talvez fosse necessário, novamente, retomar a questão à luz, desta vez, da ideia de reciprocidade dos diferentes pontos de vista e daquela interpenetração entre o individual e o social. Em certa medida, é a essa conclusão, ou a uma conclusão aná-

loga à qual chega Cavan, quando se faz da tendência suicidógena uma tendência individual, mas de natureza social, ou quando mostra a convivência do contexto com as atitudes particulares das pessoas⁴. Mas o método de Cavan, que utiliza um duplo material – o da estatística e aquele das “histórias de vida” dos potenciais suicidas –, lhe impulsionava naturalmente a englobar em uma mesma explicação os dados coletados com a ajuda dessas duas técnicas. A demonstração seria ainda mais convincente se nos colocássemos no “falso problema”, se nós partíssemos da oposição indivíduo x sociedade, para ultrapassá-la progressivamente sob a pressão dos fatos. Ora, foi a isso que chegamos estudando o suicídio do negro brasileiro, em particular o de São

1. Publicado nos *Cahiers Internationaux de Sociologie*, v. 12, 1952, p. 79-90. Tradução de José Benedites Queiroz, professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Maranhão (N.T.).

2. Pouco empregamos o termo racial neste artigo. Porém, fique bem claro que, quando nós o empregamos em relação ao negro brasileiro, jamais nós tomamo-lo num sentido biológico, mas sim sociológico; aqui, o grupo de pessoas de cor sempre é considerado enquanto grupo social diferenciado.

3. G. Gurvitch, *La Vocation Actuelle de la Sociologie*, 1950, p. 27-28.

4. Cavan, *Suicide*, Chicago, 1928.

Paulo, onde dispomos de estatísticas mais ricas e relativamente mais seguras⁵.

Com efeito, nos pareceu que o caso do negro americano era particularmente significativo para descobrir a respectiva importância do fator individual e do fator social no suicídio. O africano foi arrancado de seu país, de sua organização tribal ou étnica, de seus costumes ancestrais, para ser conduzido, à força, a uma nova terra e como instrumento de trabalho de um novo sistema econômico-social caracterizado pelo capitalismo agrário e comercial. A Lei de 13 de maio de 1888, precedida de toda uma série de medidas liberatórias, fez em seguida o negro passar do regime do trabalho servil ao regime salarial; no entanto, numa época em que a urbanização e a industrialização do Brasil não faziam senão começar. É sob a República, sobretudo, que este movimento em direção à urbanização crescente e ao desenvolvimento industrial acelerou-se e São Paulo é, no momento, o maior centro industrial de toda a América Latina. Assim, em um século aproximadamente, operou-se uma tripla transformação da estrutura social: a passagem do regime tribal para o regime escravista, deste para o regime de liberdade e da sociedade de tendência rural para a sociedade de tendência industrial. Parecia-nos importante estudar em que medida estas metamorfoses inscreviam-se nas estatísticas do suicídio. Se essas caracterizassem-se por

variações bruscas, haveria chances de que a sociedade, mais que o temperamento, fosse responsável pelo suicídio.

O africano não desconhece o suicídio, não somente sob as formas que Durkheim chamava de “altruístas”, mas também as formas “egoístas”, como solução para os problemas do ciúme, da vingança ou do cativo. Contudo, o suicídio africano continua a ser um fenômeno raro⁶. Ao contrário, as estatísticas do tempo da escravidão, tais como pesquisamos nos arquivos da polícia, nos mostram que o suicídio do negro era algo corrente e em número sempre infinitamente superior ao suicídio do branco. Ora, apenas a constituição psicopatológica, tão cara ao Dr. Delmas, não é suficiente para nos fornecer a explicação desse fato. Se as livres migrações podem, a rigor, justificar as teses do psiquiatra, porque elas são seletivas e porque talvez sejam somente os ciclotímicos e os emotivos que procuram mudar de país (daí a maior frequência no Brasil do suicídio imigrante do que do nativo), a migração forçada do escravo, diversamente, não pode justificar a tese individualista: o negro colonial era aquele que havia sido preso em combate ou a criança que fora vendida ou o infeliz que havia bebido e fora apesado com ferros durante seu pesado sono. Nessas condições, é evidente que a diferença entre aqueles que permaneceram na África e aqueles que vieram para

5. R. Bastide, *Estudos Afro-Brasileiros*, 2ª série, S. Paulo, 1951. Estudos onde os leitores encontrarão as estatísticas e suas interpretações. No presente artigo, nos contentaremos em apresentar as ideias de ordem teórica ou metodológica que podemos extrair de nossa pesquisa.

6. Eis aqui a teoria do Dr. Ach. Delmas, que só querendo ver no suicídio a ação do temperamento, não pode compreendê-lo a partir da interpenetração entre o psíquico e o social. Se o suicídio do africano, quando ele existe, deve se explicar por uma grande emotividade ou uma grande tendência ciclotímica, é porque o negro se sente cercado de um universo mágico ou religioso que excita sua vida afetiva e também porque o ritmo de sua vida social, com seus períodos de exaltação mística e de calma, inscreve-se fora de sua própria psique. Ora, mesmo assim, o suicídio do negro é raro.

o Brasil não podia obedecer a uma diferença de constituição. Certamente, os viajantes estão de acordo com o reconhecimento de que havia variações entre as “nações” importadas: os de Mina, os de Daomé, os de Iorubá matavam seu mestre e contramestres, quando se revoltavam, antes de se matarem; os suicídios eram mais frequentes nos do Gabão, de Moçambique e nos misteriosos “Poules”. Ora, poderíamos imaginar que essas diferenças étnicas fossem mais de temperamento que de cultura. No entanto, um pouco mais de atenção com os fatos não permite essa fácil solução. Assim, pela primeira vez, somos levados a descobrir a interpenetração entre o psíquico e o social.

Os viajantes norte-americanos observaram que os suicídios dos negros eram mais frequentes no Brasil que nos Estados Unidos e que, no interior do Brasil, eram mais frequentes nas propriedades dos senhores “bons” que naquelas dos senhores “cruéis”; o que lhes parecia um duplo paradoxo, visto que a escravidão aqui era infinitamente mais branda que em seu país⁷. Porém, é este mesmo paradoxo que fornece a chave da explicação. O suicídio está ligado ao ressentimento, e quando o ressentimento não pode tomar a forma de luta contra o branco, em razão de seu paternalismo afetivo, ele se volta contra si mesmo. Também o jogo das tendências individuais traduz uma situação social: de um lado, o psíquico está todo penetrado pelo coletivo, mas, de outro, o social não age a não ser por meio da psicologia do ressentimento. As representações coletivas que marcam este primeiro tipo de suicídio são duplas: de um lado, africanas, de outro, brasileiras. Num

caso, o suicídio é um meio de retornar à África, lugar dos ancestrais, pois, ao retornar, a alma daquele que se matou adentra no mundo dos mortos que está situado do outro lado do oceano. Doutro, à época onde o escravo constituía um importante capital de empresa agrícola, o suicídio sob sua forma coletiva levava à ruína o senhor de escravos. Também aqui, ainda, um mesmo gesto não se compreende senão por meio de símbolos que são, ao mesmo tempo, sociais e individuais e que seguem a linha da assimilação do indivíduo a uma cultura.

Entretanto, mesmo à época da escravidão, um certo contingente de negros era a cada ano liberto pelos seus senhores, seja nos seus testamentos, seja como bastardos, seja enfim porque eles podiam comprar suas cartas de alforria. Ora, os suicídios dos negros escravos sempre ultrapassaram amplamente aqueles dos negros livres. A tese psicológica pode explicar essa diferença? Seria assim um grande acaso que as cartas de alforria tivessem precisamente escolhido – sobretudo quando foram dadas graciosamente pelos brancos – entre os padrões constituídos pelo Dr. Delmas, ou seja, somente os paranoicos, os mitômanos e os perversos; permaneciam escravos somente os emotivos e os ciclotímicos. Em geral, as cartas de alforria eram concedidas aos negros crioulos, isto é, àqueles que já estavam habituados aos seus novos meios, e aos escravos domésticos, totalmente assimilados à civilização – patriarcal e católica – do Brasil. Por consequência, é somente através da identificação do indivíduo com a cultura que se pode justificar esse dado estatístico, essa imunidade relativa da pessoa livre em relação ao escravo. Aqui, novamente, é necessário

7. Mesmo aqui a tese do Dr. Delmas é completamente inoperante: a repartição dos escravos nas propriedades obedecia naturalmente ao puro acaso e podemos pensar que o acaso acumulara num certo canto de terra, justamente aqueles onde estavam os senhores bons, nada dos emotivos e dos ciclotímicos?

pensar numa mesma causa que age, ao mesmo tempo, de dentro e de fora, e que pode ser considerada de dois pontos de vista diferentes, mas recíprocos.

Apesar dessa maior impermeabilidade do negro livre ao suicídio em relação ao negro escravo, a passagem do regime de escravidão ao regime de liberdade, sem uma educação prévia do negro (noir), ocasionou uma segunda crise, que se caracterizou por um recrudescimento dos suicídios. Os negros abandonam as grandes propriedades, que para eles eram sinônimo do regime passado, com a finalidade de chegar às cidades que, para eles, pareciam oferecer maiores chances de ascensão social. Porém, a industrialização ainda não está bastante impulsionada para poder fornecer um trabalho suficiente a esta nova mão de obra disponível. Além do que, essa é a época em que o Brasil arregimenta os europeus para substituírem os escravos que deixaram para trás as plantações de café; uma grande parte desses imigrantes, no entanto, migra rumo às cidades e, mais forte que o negro na concorrência em que se engaja, não somente triunfa nas fábricas, mas também desaloja do artesanato os primeiros “negros livres” que fizeram dele sua fortaleza. Esta crise da liberação do escravo se traduz, estatisticamente, pelo aumento da mendicância, da vadiagem, mas também por uma elevação da taxa de suicídio dos negros em relação àquela dos brancos. Contudo, novamente um fato denuncia a interpene-

tração entre o psíquico e o social: este é o caso do mulato⁸ que sobrepuja o negro puro. Ora, se o mulato supera o negro no suicídio, supera-o também, na mesma época, quanto ao percentual das doenças mentais, segundo as cores das pessoas. Assim, parece que a ruptura de um sistema social, que sem dúvida fazia sofrer o negro, mas que lhe assegurava, por outro lado, certa segurança, age somente por meio de pulsões individuais, uma vez que é este “homem marginal” – isto é, o homem que, em razão de ser mais claro, esperava subir o mais alto possível, mas que era rejeitado pelo próprio grupo dos negros do qual desejava se afastar – que fornece a maior proporção de mortos voluntários. Portanto, o suicídio é, sem dúvida, a expressão de atitudes, mas que são sociais.

Entretanto, em seguida, um novo equilíbrio morfológico tendeu a se estabelecer. Se tomarmos o exemplo da cidade de São Paulo, veremos o suicídio do branco aumentar progressivamente, não somente em números absolutos, que se explicava pelo desenvolvimento desta cidade tentacular e pela entrada em massa dos imigrantes brancos, mas também em porcentagens relativas, por causa dos problemas trazidos pela vida urbana. Diversamente, com o acostumamento à liberdade, as porcentagens dos negros e dos mulatos diminuem: aquelas dos mulatos, que eram inferiores às dos negros antes da Abolição, passam a superá-las quando deste acontecimento, segundo este quadro⁹:

8. De origem hispânica, a palavra mulato tem sua raiz etimológica na palavra latina *mulu*, que expressa o animal resultante do cruzamento do jumento com a égua ou do cavalo com a jumenta, que é estéril. Ou seja, a palavra mulato é racista à medida que enquadra e assim define a pessoa descendente da miscigenação do negro com o branco. Apesar disso, mantivemos a palavra porque assim se encontra no texto em francês escrito por Roger Bastide. (N.T.)

9. Este quadro não leva em consideração as tentativas (mais numerosas nas pessoas de cor que nas brancas, em números relativos), porque é mais difícil para as primeiras esconder suas tentativas em relação às exigências das autoridades públicas, o que diminui muito o valor das estatísticas.

Tabela 1 – Taxa de suicídio em relação a 10.000 habitantes de cada categoria de cor.

ANO /COR	Branco	Mulatos	Negros
1880	0,63	0,90	2,41
1885	0,27	0,93	1,56
1895	0,46	1,38	1,35
1935	1,30	0,60	0,30
1940	1,00	0,66	0,33

Ora, aqui é possível distinguir os fatores individuais dos fatores coletivos ou nos é necessário procurar uma interpretação que ultrapasse o dualismo entre a pessoa e a sociedade? Começamos pelo mais exterior, os meios empregados para se matar: veneno, armas de fogo, afogamento, enforcamento, etc. Um fato que as estatísticas nos revelam é que o suicídio do negro toma outras formas que o suicídio do branco: ele se joga na água, ele se fere, ele salta de um lugar elevado, sobretudo ele se enforca ou se envenena; raramente ele utiliza as armas de fogo. Isto se explica pela condição econômica do negro que, não lhe permitindo comprar armas, lhe obriga a utilizar, para se matar, os meios mais simples que lhe oferece a natureza. Mas este fato também tem que passar, agir pelo psíquico, e não permanece puramente fora, pois tornou-se uma tradição que tem suas longínquas raízes na escravidão, onde o enforcamento era a forma mais frequente de morte voluntária, algo que teve continuidade, mas que vai perdendo cada vez um pouco mais sua força impositiva. A prova disso é que os meios empregados pelos mulatos, de início análogos àqueles do negro, hoje são os mesmos, hierarquicamente, daqueles empregados pelos brancos. Assim, sentimos em jogo a vontade de assimilar um certo tipo de ci-

vilização, a vontade de “ser branco”. Reciprocamente, se o social não age senão por meio do psíquico, ao ponto de fazê-lo uma só realidade de duas faces, por outro lado, parece que o psíquico sempre se enquadra nas categorias sociais. Um estudo mais aprofundado de cada caso, como poderia fazer a psicanálise, de pessoas que acabaram se matando, nos mostraria que há, entre o traumatismo inicial que determina a tendência suicidógena e o meio escolhido para se matar, certo simbolismo explicável. No entanto, esse traumatismo, por sua vez, depende da situação do indivíduo no grupo, assim como depende o simbolismo que lhe é conferido, ou em todo caso preparado, pela comunidade que lhe dá seu sentido. Observar-se-á melhor esta interpretação retomando o debate estabelecido entre Tarde e Durkheim sobre o papel da imitação no suicídio.

A esse respeito, o estudo feito pelo Dr. Cerqueira César sobre os suicídios por envenenamento na Bahia é particularmente revelador quando o comparamos às estatísticas de Buenos Aires. Vemos que a imitação sempre age nos limites de um grupo local: o cianeto de potássio dominante na Bahia, enquanto seu emprego permaneceu desconhecido por muito tempo em Buenos Aires. Mas seria importante observar se a imitação permanece restrita a um grupo de

cor¹⁰ ou não. Vimos que o enforcamento era um desses casos de imitação, que continua a se repetir no suicídio de negros, mas que a tendência é sempre passar de um grupo para o grupo vizinho, como o mulato assimilando-se definitivamente ao branco em sua maneira de se matar. Há limites sociais para este movimento de generalização? No Brasil, existe um tipo de suicídio particularmente dramático que consiste em embeber de gasolina as vestimentas e, em seguida, atear fogo sobre elas. Ora, este tipo de morte nas chamas é, por assim dizer, reservado ao sexo feminino; ele jamais se introduziu verdadeiramente entre os homens – à parte algumas exceções, mas ínfimas – e, entre as mulheres, caracteriza o suicídio das prostitutas. Ele não é extensivo, fora deste círculo estreito, por imitação, senão às mulheres de famílias desestruturadas da classe mais baixa da população, as quais, por consequência, os limites em relação à verdadeira prostituição permanecem flutuantes. Ou seja, a ação da imitação existe sim, mas ela é circunscrita estreitamente pelos quadros sociais que traçam fronteiras mais ou menos rígidas. Aqui, as atitudes individuais ainda são atitudes sociais; elas exprimem as tradições, as assimilações, mais que simples sugestões.

Se nós passarmos do exterior ao interior, das formas de suicídio às razões que se tem de se matar, observaremos, na medida em que possamos dispor de documentos, que não há diferenças entre as razões dadas – seja por uma carta deixada, seja pela família –, pelos negros e pelos brancos. A velha mentalidade africana, da qual nós falamos

no início, esta vontade de retorno à África por meio da morte e da viagem da alma, que espantara certos viajantes da época colonial, não mais existe. Doenças incuráveis, tristezas de amor, vida familiar impossível, miséria, desemprego, são motivos que se repetem de um registro a outro. Aliás, não chamamos de causas, mas antes de oportunidades, pois a psicologia moderna nos habituou a discernirmos as racionalizações das pulsões profundas. Neste ponto, portanto, a argumentação do Dr. Delmas seria válida: o número de suicídios em relação à população total é muito pequeno para que possamos explicá-lo por fatores sociais. Mesmo se houvesse forças exteriores e coletivas ao indivíduo, não teriam senão uma ínfima quantidade que lhes seria permeável: a constituição psíquica consistiria na causa essencial.

Com efeito, o argumento seria de peso se nós aceitássemos o realismo ontológico da dualidade indivíduo-sociedade. As correlações que Durkheim acreditou poder estabelecer entre certos dados sociais, como o estatuto familiar, a religião, etc., não se verificam no Brasil, pelo menos em São Paulo. Aqui, por exemplo, é o homem casado que se mata mais que o solteiro (de 1938 à 1941: 746 solteiros, 869 casados, 115 viúvos e 4 divorciados; a diferença é ainda mais acentuada se eliminamos destas cifras as tentativas: 210 solteiros, 289 casados); o brasileiro católico ou o imigrante italiano católico mata-se mais que os imigrantes alemães luteranos (12,8, 13 e 2,6 por 10.000 habitantes respectivamente). Mas Durkheim, como o Dr. Delmas, encontrava-se ainda no dualismo. É necessário resti-

10. Assim como para homens de cor, pessoas de cor, população de cor, etc., grupo de cor refere-se a um grupo de pessoas negras. Mantivemos a expressão “de cor” como sinônima de negro para sermos fiéis ao texto de Bastide. (N. T.)

tuirmos o ponto de vista de interpenetração e da reciprocidade dos pontos de vista. Ora, de fato, o exemplo mesmo do imigrante nos coloca na seguinte trilha: o imigrante, como outrora o negro, mata-se mais na nova terra do que no seu país de origem: alemães (1881-1903): taxas de suicídios na Alemanha, de 1,93 a 2,23, enquanto no Brasil, 4,09; italianos (1874-1900): taxa de suicídio na Itália, 0,27, e no Brasil, 1,14.

Na verdade, o fato é bem conhecido e Carvan também o observou nos Estados Unidos. O que deve ser dito, e é o que mais importa, é que o indivíduo quando não se sente mais envolvido por um conjunto de instituições ou de costumes sobre os quais ele podia se apoiar e que lhe garantiam segurança, ele está desamparado. Da mesma maneira, o homem de cor continua ainda a ser um homem marginal; a escola, o contato com os brancos, a característica do estrangeiro que luta e imigra, tudo é razão para lhe exasperar no seu desejo de subir, ao longo da escala social. Mas é justo nesse momento em que suas aspirações são as mais altas, que ele mais sente o estigma de sua pele, de que não pode atingir – e sabe que por razões raciais – o lugar que julga voltado para ele. Isto é o que explica que o mulato, mais ambicioso, mate-se mais que o negro, mais conformista. Assim, não podemos separar, na interpretação dos níveis de suicídio em São Paulo, os fatos sociais dos dados individuais. O drama melhor se expressa no indivíduo que o conduz à sua consecução: é um drama social, que exprime status e papéis, que reflete situações morfológicas e estruturas em (de) ou (re) composição.

O brasileiro branco e nativo de outrora, que pertencia a um meio patriarcal, católico, rural, submisso ao controle de representações coletivas poderosas que conde-

navam o suicídio – a ponto dos raros casos conhecidos à época colonial causarem verdadeiros escândalos –, pouco se mata-va, mesmo quando sua situação lhe compelia: o psíquico era entravado pelo social, o que o obrigava procurar uma outra solução, uma outra forma de suportar suas tensões. Porém, à medida que a urbanização, a miscigenação, a industrialização desenvolveram-se, a antiga mentalidade desapareceu, o controle do meio esgotou-se, o que permitiu o temperamento agir mais livremente. Para o homem de cor, temos o fenômeno inverso, ainda que da mesma natureza: enquanto o africano conservou sua mentalidade primitiva, o animismo ancestral, a ideia que as almas dos mortos retornam ao paraíso africano ou perseguem os vivos para se vingarem, representações que o impeliam ao suicídio. O psíquico era auxiliado pelo social. Contudo, à medida que o estatuto social do homem de cor mudou, que um novo equilíbrio se estabelece numa sociedade em transição, o percentual de suicídio tende a corresponder ao seu percentual na população total. Isso significa que o fator psíquico vai então prevalecer sobre o fator social; permanece o fato de que o homem de cor mantém características próprias que ainda o separam, do ponto de vista do comportamento e, sobretudo, do ponto de vista de sua situação na escala social, do grupo branco. Conseqüentemente, mesmo aqui onde o psíquico parece dominar, o social desempenha igualmente seu papel. Enquanto o branco casado se mata mais, no caso do negro é o solteiro; enquanto nos brancos o suicídio masculino é superior, e muito, ao suicídio feminino, há igualdade entre os negros, com uma ligeira tendência do feminino ao máximo; a idade máxima do suicídio entre os brancos parece estabelecer-se entre 21 e 25 anos, e entre

16 e 20 anos para o homem de cor; se dividirmos o dia em 4 partes, de 0 às 6 horas, das 6 às 12 horas, das 12 às 18 horas e das 18 às 24 horas, notaremos que o branco se mata mais frequentemente na terceira parte do dia e o negro na última parte. Tudo isso é uma boa prova de que outras diferenças – de costumes, de hábitos, de comportamentos sociais – refletem-se até nos fatos individuais, e que um estudo do suicídio deve levá-los em conta em sua interpretação.

Desse modo, superamos o dualismo primitivo. Queríamos ver em que medida a sociedade intervém na frequência das mortes voluntárias. Nos pareceu que o estudo de um grupo racial era particularmente indicado para esta finalidade, pois constituía uma espécie de sismógrafo que registra todos os abalos, mais ou menos violentos, e todas as desordens da estrutura social. Se na Europa os suicídios podem apresentar linhas mais contínuas, no caso dos grupos sociais da América são linhas descontínuas que dominam, e essas variações brutais traduzem melhor que na Europa a importância dos fatores sociológicos. A passagem de um certo status social a outro, do status tribal ao escravista, do status escravista ao do negro livre, corresponde aos crescimentos ou às diminuições do suicídio, que são muito evidentes para que possamos aceitar a tese do Dr. Delmas. Porém, uma vez reconhecida a importância desse fator, e para compreender os fatos, teríamos que, pouco a pouco, reintroduzir o psíquico no social e analisar um certo número de “atitudes” mentais. Assim, o suicídio pode muito bem ser compreendido tanto de dentro como de fora, pela análise das estatísticas que denunciam as influências sociais e pela psicologia que analisa os casos individuais, mas é sempre o mesmo fenômeno que estudamos, porque o suicídio é ao mesmo tempo um comportamento individual e social.

RESUMO

Abrangendo o espaço temporal de cem anos, de meados do século XIX até metade do seguinte, o texto de Roger Bastide mostra como a ocorrência do suicídio na população negra muito se vinculou à condição social em que ela se encontrava. Se a origem tribal africana tornava a condição escrava insuportável, produzindo maiores taxas de suicídios dos negros em relação aos brancos, o momento seguinte à Abolição inverteu tal tendência: daí em diante houve um crescente aumento do número e preponderância da taxa de suicídio da população branca; algo semelhante verificou-se com o segmento social resultante da miscigenação entre negros e brancos. Além dos dados empíricos, as reflexões e conclusões decorrem de um diálogo crítico com os estudos de Émile Durkheim, Maurice Halbwachs, François Achille-Delmas, Ruth Shonle Cavan e Gabriel Tarde.